RECENSÕES



FRANCISCO JOSÉ BINGRE – *Obras de...* (Edição com introdução e notas de Vanda Anastácio), "Obras Clássicas da Literatura Portuguesa. Século XVIII", n.º 55, Porto, Lello Editores, 2000, vols. I (LXXVIII + 330) e II (XLIX + 394), de seis previstos

É sempre conveniente revisitar os lugares-comuns da história. Da história literária também, que os não tem menos que as outras... Recordemos que a nossa história e crítica literárias só muito lentamente os têm desfeito. "Todas as Literaturas e todas as épocas são pobres, para quem não atenta nelas", constataria Jorge de Sena. E se hoje nos orgulhamos das nossas cantigas de amigo, de Fernão Lopes, Gil Vicente ou Camões, acrescentemos também que o Cancioneiro da Ajuda foi primeiramente valorizado por um inglês que, em 1823, editou 25 exemplares para os amigos, que o Cancioneiro do Vaticano só terá edição cuidada entre 1875 e 1880, que Fernão Lopes, só a partir de 1968 viu publicada com algum rigor a segunda parte da Crónica de D. João I, por William J. Entwistle, que Gil Vicente era quase inacessível até à edição de 1834 e mesmo Luís de Camões ainda hoje não possui uma edição crítica. Se centrarmos a nossa atenção no século XVIII, o desconhecimento do que o foi constituindo é talvez ainda mais patente: mesmo os investigadores frequentemente ladeiam um mar tenebroso de fantasmas... Três, pelo menos, e de respeito: um barroco feito de futilidades, um neoclassicismo regido por dogmas racionalistas e um pré-romantismo que tem por crime capital não ter sabido ser romântico. E para demonstrar tais classificações, baseamo-nos em já velhas lendas: antologias de antologias (invariavelmente a Fenix Renascida), um conjunto de apreciações retóricas de Luis António Verney ou Cândido Lusitano, e meia dúzia de autores que somente conseguiram publicar os poemas circunstanciais em louvor dos mecenas, esquecendo-nos de que a literatura no século XVIII, três séculos depois da invenção de Guttemberg, era ainda uma instituição oralizada, em que o manuscrito se mostrava um suporte de comunicação eficaz.

Exemplo de tudo isto poderia ser, entre muitas outras, a obra de Francisco Joaquim Bingre. Dele se conheciam quase somente algumas composições que, por circunstâncias fortuitas, passaram a letra de imprensa: as reunidas no Almanak das Musas (porque apresentadas em actos solenes da academia Nova Arcádia), e, muito mais tarde, mas com regularidade, as que foram aparecendo em revistas e jornais, entre 1838 e 1860 (período marcado pelo interesse que votaram à sua obra José Maria da Costa e Silva ou Calisto Luís de Abreu). Para além destas, as referências bibliográficas limitavam-se à glosa a um soneto da Viscondessa de Balsemão, editada em Aveiro, 1846, e a uma breve colectânea de composições, editada no Porto, em 1850, para angariar algum dinheiro para o poeta, então já com quase 90 anos de idade, macabramente intitulada O Muribundo Cisne do Vouga. É certo que a escolha tinha um valor acrescido: reunindo composições subordinadas aos temas da velhice, desengano, doença e pobreza, facilmente apelava à solidariedade social (consubstanciada também num espectáculo de homenagem em 1852, no Teatro S. João, do Porto). Mas sobretudo identificava o poeta com um mito, dito romântico, do poeta de génio morrendo de fome, vindo da mesma linhagem de Camões e Bocage. Tais argumentos revelar-se-iam insuficientes para a história literária, e as referências à obra de Francisco José Bingre vão desaparecendo dos manuais, das obras sobre o século XVIII ou sobre o século XIX, em suma, da nossa memória cultural. Como resumiria Vanda Anastácio, a compreensão da poesia de F. J. Bingre passou a basear-se exclusivamente em elementos exteriores. Era poeta que pedia protecção, autor de lamúrias e laudas. Sobre ele, como sobre tantos outros setecentistas, só existia o que estava impresso, pressupondo-se que estava impresso o que valia a pena existir.

MARIA LUÍSA MALATO BORRALHO

Não é assim, na verdade. Ou nem sempre podemos confiar na escultura do tempo para nos dizer o que merece ser conservado, como veio demonstrar a edição das suas composições.

Até porque outros pontos de interesse se veriam confirmados. Desde logo, a longevidade da sua carreira literária nos permitiria observar continuidades e rupturas numa determinada linha de percepção do literário. Viveu de 1763 a 1853 (escrevendo e organizando poesia até aos seus últimos anos), passando pelas muitas metamorfoses existentes entre duas políticas com algumas semelhanças: o mundo delineado pelo Marquês de Pombal e o consolidado liberalismo dos Cabrais. Do ponto de vista literário, será sempre curioso vê-lo simultaneamente como contemporâneo de Bocage (1765-1805) e de Almeida Garrett (1799-1854). E não um poeta alheio ao seu tempo, silencioso na sua escrita, mas membro activo e reconhecido por várias comunidades e instituições literárias. Com efeito, o seu nome aparece ligado quer aos membros fundadores da Nova Arcádia (ainda Garrett não tinha nascido), quer aos colaboradores das revistas Grinalda, Ramalhete ou Miscellanea Poetica, que tiveram um papel tão importante na divulgação da poesia romântica e de alguma que depois foi chamada ultra-romântica (e isto posteriormente até ao falecimento de Almeida Garrett).

Com a presente edição, passados mais de 150 anos depois da morte do autor, foi ainda possível recuperar, com probabilidade, a maior parte das suas composições literárias. Deixamos de exercer o nosso julgamento crítico sobre um punhado de composições viciadamente escolhidas para passarmos a um universo substancial e insuspeitadamente fecundo de sonetos (mais de um milhar), poemas dramáticos de vários sub-géneros, canções, salmos, elegias, epístolas, odes sáficas, anacreônticas, pindáricas, sátiras, alegorias, contos morais, que se prevê virem a ocupar cerca de seis volumes. Nelas cabem os esperadas encómios dedicados aos feitos dos governantes, mecenas ou protagonistas da Guerra das Laranjas, invasões francesas e guerra civil. Mas agora em minoria, sendo o leitor obrigado a reparar também noutros temas, menos comuns: desde os de pendor autobiográfico, como "Aventuras amorosas" (II, p. 159 ss.), até aos de inegável interesse histórico-jurídico, como o da defesa e refutação dos artigos 1, 10, 30 e 33 da Constituição (II, p. 273 ss.). De realçar ainda, o valor documental de alguns textos de reflexão poética em prosa e em verso; de textos apologéticos como "As Mulheres", nomeadamente as mulheres letradas com quem conviveu; ou de poemas paródicos, como "Momo", em que, num palácio anti-renascentista, se pinta uma Antiguidade às avessas.

O escritor circunstancial revela-se, assim, um autor atento às circunstâncias (políticas, sociais, literárias...). Fecundo, também, nos géneros cultivados, célebre pelos improvisos ("Voava em Lisboa a fama/ Do Bingre improvisador", II, p. 191)), e quase popular. À semelhança afinal de muitos poetas da Nova Arcádia, já que, com aparente agrado, apresentam nos palcos da cidade dramas alegóricos, heróicos, elogios dramáticos, farsas, monólogos e entremezes, ou passavam para fora das assembleias os seus poemas musicados (II, pp. XVII-XXX).

A cuidadosa recolha do espólio manuscrito de Bingre demonstraria, além do mais, uma silenciosa resistência do manuscrito, conivente com a aparente prepotência do texto impresso. Vários foram os copistas que, fascinados pela obra manuscrita do autor, foram organizando e transcrevendo extensas colecções de textos. Os familiares mantinham, ainda nos nossos dias, um espólio considerável, em duas pastas. Calisto Luís de Abreu preparou um conjunto de quatro tomos de manuscritos, conservado e aumentado com outras cópias no Museu Marítimo de Ílhavo. Seu sobrinho, Manuel Ferreira de Abreu reunirá, por sua vez, 41 cadernos, quase todos de seu punho, que constituem um espólio vastíssimo, sofregamente recolhido entre 18 de Dezembro de 1909 e 25 de Maio de 1911, e hoje guardado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra...

A edição de Vanda Anastácio surge, pois, na continuidade das várias e nem sempre coincidentes colecções que conseguiu reunir e comparar.

A identificação de espólios manuscritos é invariavelmente uma tarefa árdua: pouca ajuda se pode ter de catálogos bem organizados ou mágicas bases de dados. As colecções agora apresentadas demonstram-no largamente, situando-se, na maior parte dos casos, fora dos circuitos de identificação comum: são espólios familiares, de pequenos coleccionadores de raridades, de bibliófilos atentos a realidades que se tornaram "de província", assunto de imprensa regional ou guardados em pouco conhecidos museus e bibliotecas.

RECENSÃO

A transcrição dos documentos encontrados é uma segunda fase não menos exigente: coloca frequentes problemas de colação, escolha da versão de base, variantes substantivas e acidentais que por vezes não são suficientes para o estabelecimento de um *stemma* das diferentes fontes das cópias. A editora patenteará, neste domínio, um constante rigor, exemplificado, v.g., pelo pormenor com que descreve cada documento. Se o critério da acessibilidade e divulgação obriga à actualização ortográfica, sempre delimita os critérios seguidos, assinalando a intervenção exercida sobre o autógrafo. De realçar também a elaboração cuidada dos vários índices em cada volume (Índices de Primeiros versos, de nomes, de instituições e topónimos, de personagens mitológicas), ainda que ocasionalmente se sinta a necessidade de algumas notas ao texto que remetam o leitor menos erudito para as referidas tábuas (por exemplo, só quem sabe que a Marquesa de Alorna, foi também Condessa de Oyenhausen poderá identificar a referência que Bingre lhe faz (II, p. 59), sob a designação Inhausen, Nhausen (em nota), já que a entrada no índice se faz somente em "Almeida, D. Leonor de").

Pelo rigor e investigação exaustiva é esta edição um trabalho exemplar: não tanto porque se creia completo ou final, mas precisamente, permita-se-nos o paradoxo, porque o não é, abrindo frequentemente caminho a outras leituras. Perguntamo-nos, a este propósito, se os restantes volumes poderão esclarecer a divergência de informações sobre o espólio familiar, já que, em 1964, uma carta de Raul Bingre de Sá referia a existência de 5 volumes, 600 páginas cada (I, p. XXIII), e o espólio actual é identificado com duas pastas com cerca de 600 páginas cada (I, p. XXIII)? E estará a colecção de Calisto Luís de Abreu também incompleta, porque bastante distante do plano dos nove volumes delineado por aquele compilador n'O Campeão do Vouga, em 1856 (I, p. XXVIII)? Que pode ter sucedido à compilação mais recente, baseada em autógrafos, prometida em 1994 por Luís de Miranda Rocha (I, p. XX)?

Sem dificuldade se enquadra Francisco José Bingre nos pressupostos de edição, em boa hora projectada pelo Instituto Nacional do Livro e das Bibliotecas e apresentada pela editora Lello: poeta lido, conhecido e citado até meados do século XIX, encontrava-se até hoje remetido para as trouvailles em bibliotecas ou alfarrabistas. Editar as suas poesias, sempre dispersas, era já um projecto à partida meritório. Todavia, o que esta edição concretiza não é somente um projecto de reunião de textos dispersos e de dificil consulta, porque é muito mais do que isso. Vanda Anastácio soube aproveitar a oportunidade (tão rara num universo editorial que só pode dar lugar ao que tem lugar garantido) para dar corpo ao que nunca tinha sido feito: a publicação do que seriam as obras completas de um autor tornado desconhecido, rotulado por um "século" denegrido, e sempre classificado pelo mesmo punhado de poemas impressos, ínfimo e menor. Cremos que cada vez menos, agora, se poderá contar a história assim...

Maria Luísa Malato Borralho